

Índice

07	Capítulo I
21	Capítulo II
32	Capítulo III
41	Capítulo IV
48	Capítulo V
57	Capítulo VI
67	Capítulo VII
80	Capítulo VIII
97	Capítulo IX
130	Capítulo X
145	Capítulo XI
161	Capítulo XII

Publicado pela primeira vez em 1909
como folhetim no *Jornal do Comércio*,
o romance *A Luta* foi depois editado em
livro pela Livraria Garnier Irmãos, do Rio
de Janeiro, em 1911, alguns meses após a
morte da autora.

CAPÍTULO I

Casava-se a Celina, filha mais velha da D. Adozinda Ferreira, quarentona bem conservada, e todo o velho e pequeno hotel familiar para convalescentes *Aos belos ares!*, debruçado à beira do morro de Santa Teresa, como a mirar a esplêndida vista da cidade abaixo, aparecia rejuvenescido e embelezado pela abundância de festões de flores e galhadas verdes, com que o iam enfeitando alegremente algumas criadas vestidas com garridice espaventosa, rindo com os hóspedes mais íntimos que as ajudavam.

— Ponha as dalias encarnadas aqui, seu Juvêncio... É para casarem com os crisântemos brancos...

— Casarem... casarem... Você, Crescência, não tem outra ideia na cabeça senão a de casamento...

— Pois então?!... — respondia a primeira, com um muxoxo de mulatinha espevitada —, o dia é mesmo para se pensar nisso. Bem que eu quisera estar no lugar de D. Celina, mas... com outro noivo, já se vê... Olhem lá...

Um vulto de rapaz ladeava solitariamente os maciços espessos do jardim, como procurando fugir à atenção, e uma gargalhada esfuziou no grupo, que depressa fingiu mergulhar mais ativamente nos preparativos da ornamentação da casa, em cujas janelas baixas já se balouçavam frágeis cadeias cheirosas, invenção da Crescência, atravessando as abertas em forma de bambolins floridos. Um aroma quente de folhas e pétalas dava ao ambiente um cunho de festa. E já um tapete esmeraldino se estendia no solo, em frente à porta da sala térrea, em cujo recinto ainda vazio de convidados branquejavam panos de *crochet* forrando os móveis usados, enquanto de cada mesinha, de cada *étagère*, dos dois consolos antigos, do tampo do piano de armário, partia a nota violenta dos grandes ramos de rosas, de dalias, de begónias e de palmas de Santa Rita, transbordando de todas as jarras da família, ali reunidas como principal recurso decorativo.

Mas um rumor cresceu no interior do prédio e D. Adozinda, proprietária do hotel, surgiu azafamada e seguida por duas meninas de cabeleira já frisada em que se enrolavam fitas azuis, indagando ruidosamente das raparigas se já passara o bonde de uma hora da tarde... Não, não passara ainda, e era um inferno, porque faltavam as luvas brancas da noiva e das meninas, assim como o *bouquet* de flores de laranjeiras que o Dr. Jaime — um hóspede tão amável! — se prestara

a ir buscar na cidade — e o noivo era bem capaz de chegar antes do tempo com a carrancuda da mãe, cujos reparos ela preferia evitar.

Cheia de corpo, clara, com uns bonitos olhos pretos sob os cílios longos, um buço já forte desenhando-lhe a boca larga e carnuda, D. Adozinda correu rapidamente pelos aprestos da festa a vista alvoroçada e chamou pelos hóspedes, pediu-lhes que fossem agora ajudar um pouco a guarnecer a mesa do *lunch*, gritando às criadas que se aviassem sozinhas, que andassem, porque a Celina precisava delas.

Já a sua camisola transparente e ampla, enfiada por cima do colete, apertando-lhe as carnes opulentas, fazendo ressaltar o seio abundante, voejava pelo corredor sobre as saias de baixo rendadas e farfalhantes de goma; e o Juvêncio, o Tomás e o Rodolfo, três estudantes simpáticos e prestu-berculosos, que lhe deviam pensão barata e carinho familiar, precipitaram-se atrás desse claro sulco, ainda com as mãos todas crivadas de espinhos de roseiras.

Dentro, a sala de jantar resplandecia à larga claridade de três janelas e uma porta abrindo para o jardim que circulava a casa e de onde zumbiam abelhas sobre os cálices de lírios, banhados de sol; e a cidade aparecia num plano inferior de silêncio e de distância, através do vapor trémulo e azulado que varava aqui ou ali o reflexo de incêndio de alguma clara-boia ferida por um raio de luz mais direto.

A mesa, recoberta pela toalha de linho dos grandes dias, tinha o aspeto convidativo, com os seus pratos de sanduíches, pastéis e empadinhas flanqueados pelas garrafas de cristal, em que brilhava um vinho aparentemente fino; pirâmides de fios de ovos e compoteiras de doces feitos em casa alternavam com as fruteiras em que enrubesciam maçãs junto aos cachos de uvas, decorativamente espalhados — e toda uma profusão de flores em altos ramos circunscrevia a vista.

Um copeiro emprestado dava o último toque ao serviço — e os três estudantes o ajudaram a dobrar os guardanapos em feitiço de leque, de mitra e de rosa, não sem volverem obliquamente um olhar dissimulado e guloso para o peru e as fatias de fiambre, acomodadas sobre o aparador, sob um grosso filó cor-de-rosa, protetor contra as moscas assanhadas.

— E o Coronel?... — acabou o Tomás por perguntar baixinho ao ouvido de Rodolfo.

— Está no quarto — ciciou este com malícia —, não gosta de escândalo e parece que hoje vai deixar-se ficar encerrado...

— Que idiota! O macambúzio do Gilberto é que devia fazer-lhe companhia, em vez de errar pela chácara como uma alma penada...

— Homem, também...

Mas uma senhora vestida de sedas investiu de repente pela sala, como uma tromba, e atrás dela vieram correndo as

meninas de fitas azuis nos cabelos riçados, duas moças em *toilettes* brancas e o bando das criadas espevitadas, gritando todas:

— D. Adozinda, o bonde largou uma porção de gente na porta... Estão aí o noivo com a mãe, a madrinha, o Dr. Jaime, dois velhos...

— Nossa Senhora!

E a dona da casa saiu do quarto arrastando atrás de si uma preta que ainda lhe acolchetava com esforço, resfolegando, bufando, o corpo do vestido cor de pérola; a fazenda rangia, estalando sobre as formas salientes — e vermelha, de olhos congestionados, retendo o fôlego, D. Adozinda ia balbuciando com voz entrecortada:

— Anda, rapariga! Anda, Marcelina!

Um rumor de falas, de passos, de cadeiras arrastadas enchia a casa, entre as suas folhagens decorativas, e alguém preveniu que o suplente do pretor também tinha chegado pelo mesmo elétrico e que o afilhado do Padre André vinha avisar que o padrinho estaria ali para o casamento religioso às quatro horas em ponto.

Houve um sussurro crescente e a noiva, toda branca, assomou à porta da sala envolta em véus virginais.

D. Adozinda Ferreira tinha um dia chegado, havia tempos, de Iguaçu, com três filhas já crescidinhas, a mais velha, quase moça, e dizia-se viúva de um Inácio Ferreira, negociante, que

falecera durante uma visita feita à sua aldeia natal, em terras portuguesas, no Minho.

Como a posição da recém-chegada não atraía atenções, e que, de resto, ela se mostrava com alguns recursos pecuniários, alegre, insinuante, de uma familiaridade ruidosa que agrada a muita gente, ninguém pôs em dúvida o estado de viuvez apresentado como rótulo social, e pôde essa senhora entreter algumas relações no Largo dos Guimarães, em Santa Teresa, onde fora residir.

Em breve, com esperteza e felicidade, comprou D. Adozinda o pequeno hotel mais em cima a cavaleiro da linha de bondes da Carris-Carioca, onde D. Eufrásia, uma velha pintada de sardas escuras, cozinhou durante muitos anos a sua asma terrível, conservando sempre, aliás, uma boa freguesia de enfermos crónicos, convalescentes, empregados do comércio sofrendo do estômago ou dos rins, que buscavam nessa cómoda altura, próxima da cidade, um alívio aos seus males reais ou imaginários a preços modestos. Mais doente, porém, já cansada de tanto tossir, passou essa D. Eufrásia a sua pensão; e D. Adozinda, que a adquiriu com um faro muito vivo de negócios, ali se instalou com as filhas, atraindo logo a simpatia de todos os hóspedes com o seu génio brincalhão, o riso fácil, uma intimidade quase maternal, que punham a gosto a rapaziada, nos princípios retraída.

Desde que amanhecia, a sua clara camisola de cassa esvoaçava pelos corredores, pelas salas e pelas dependências; e alegre, ativa, com a sua pele branca e bem lavada, o cabelo preto enrolado em um nó sobre a nuca forte, os braços grossos sempre nus entre as mangas largas e curtas, ela penetrava familiarmente nos quartos dos hóspedes, esquecia-se a palestrar com os prediletos, aos quais levava ela própria o café com biscoitos, muitas vezes alguma rosa ainda aljofrada de orvalho matutino e colhida por suas mãos no jardim — ressoando através das portas fechadas os seus risos sonoros, não raro seguidos de inexplicáveis silêncios, até que o favorito da ocasião saía do quarto muito apressado, vermelho, a correr para apanhar o elétrico, e D. Adozinda voltava às suas funções domésticas, com o rolo do cabelo um pouco desmanchado, mas sempre enérgica e laboriosa no exercício dos seus deveres.

Não tardou muito que o hotel, em vista dessa feição, fosse um pouco abandonado pelo elemento familiar. Algum casal que ali se hospedasse sentia logo a preferência merecida pelos rapazes solteiros e tratava de procurar outro estabelecimento; de modo que, além de duas antigas senhoras cheias de achaques e que tinham na casa o seu velho ninho, desde a D. Eufrásia, pagando aliás pontualmente a pensão por quinzenas; e de uma outra professora estafada, em busca de bons ares baratos para as férias, a clientela do hotel era composta quase que exclusivamente de homens idosos ou moços.

Havia, como efetivos, o John Gross, desenhista alemão, sempre asseado e grave, que descia à cidade pela manhã e só voltava à noite. Havia o Silva, solteirão português, metido a gaiato e com um grande nariz, que dava réplica à loquacidade jovial de D. Adozinda, ao jantar, e comia como um bruto, espremendo limão em todos os pratos, por causa do fígado. Havia o Tomé, guarda-livros, muito alto e bonito, mas tísico, nervoso, sempre enrolado em flanelas; e o Juvêncio, o Tomás, o Rodolfo, estudantes com as famílias no Amazonas e no Pará; e, enfim, o Coronel Juvenato, um cearense de banhas amarelas e olhar manhoso, que não perdia missa; e o Gilberto, que fora também estudante de farmácia, mas apanhara umas febres e ali vivia agora à espera da saúde, mofino e débil, recebendo a mesada que lhe mandava de Minas um tio.

Desenvolvendo-se nesse meio, é natural que Celina, filha mais velha da D. Adozinda, tivesse os seus pequenos *flirts* com alguns desses rapazes, muito íntimos na casa e trazendo-lhe da cidade presentes de doces, de balas de ovo, de jornais ilustrados ou de frutas.

As irmãs mais novas iam ao colégio; ela ficava, enchendo o tempo com uns *crochets* vagarosos, costuras leves, a leitura dos folhetins dos jornais; e o Gilberto, que raramente saía, andava sempre ao seu lado, muito caído por esse tipo um pouco mórbido de menina anémica, devorando com os

olhos a sua cinta fina, a graça delicada com que ela movia o pescoço franzino, o sorriso um tanto sonso dos lábios ambíguos a ler-lhe versos em que punha toda a paixão da sua voz. Ele era bonitinho, teria os seus vinte anos, muito pálido, com umas pupilas negras de árabe, ardentes, vorazes; e D. Adozinda, ao passar, quando os via juntos, demorava o andar, como inquieta, perplexa, indecisa... Muito ladina, sob a sua jovialidade vulgar, ela perguntava a si mesma o que devia fazer: consentir ou proibir?

O Gilberto não valia nada, mas quem sabe se apareceria outro, simplório e sincero como ele? E a filha, com os seus dezassete anos, começava a embaraçá-la um pouco, nesse difícil papel de virgem numa casa de pensão, cheia de rapazes. Ora, o melhor era esperar, dar tempo ao tempo... E o Gilberto e a Celina continuaram a namorar-se, ele cândido, ela dúbia; enquanto o Coronel Juvenato, que deixara a mulher em Sobral para tratar de uma concessão rendosa com os políticos do Rio, ia agora monopolizando, como protetor mais importante, as alegres visitas matinais da viúva, que já lhe levava sempre o café — mas sem flores colhidas no jardim, ainda rociadas de orvalho, porque o cearense não dava para essas coisas de poesia. Era rápido, prático, e não admitia bobagens. Por isso, todos os sábados à noite, ele dizia a D. Adozinda com um tremor lúbrico nas banhas moles da face, os olhinhos vivos pestanejando:

— A senhora não esqueça que amanhã é domingo... Leve-me cedo o café, hein? Que eu tenho de ir à missa...

— Pois não, pois não, Coronel! Fique descansado — respondia a viúva do Ferreira, muito atenciosamente, tirando-lhe umas caspas da gola do paletó com a mão repolhuda.

Os outros hóspedes riam-se à socapa; e no domingo o café não faltava, bem cedinho...

Foi por esse tempo que apareceu inesperadamente no hotel, a convalescer de uma hepatite, certa viúva idosa, com alguns bens, cujo filho único, Alfredo Galvão, amanuense numa secretaria, vinha recomendá-la muito a D. Adozinda. Subiram ambos devagar os dois lances da escadaria do jardim, dividido em terraços, ela com uma lividez de marfim velho na face franzida e severa, ele amparando-a com toda a força de seu braço filial, solícito, respeitoso, carregando-lhe a maleta e os agasalhos, e mesmo assim teve a doente de parar sob a amendoeira do centro do jardim superior porque lhe faltava o fôlego para atingir a casa.

— Minha mãe ainda está muito fraca — explicou Alfredo à dona da pensão, para desculpá-la, e agradecendo a cadeira que Celina trouxe a correr —, mas acredito que estes ares logo a fortalecerão...

— Não sei se a minha modesta casa lhe convirá — disse D. Adozinda, examinando com alguma inquietação a fisionomia austera da senhora.

— Ora, certamente que há de convir. Pois então? Isto aqui é bonito, é alto, é saudável...

A doente interrompeu o filho, erguendo os olhos biliosos para a mulher:

— É sobretudo muito próximo da cidade, de modo que Alfredo poderá visitar-me todas as tardes depois de jantar. Moramos à rua das Marrecas. Fica perto do ponto dos Carris e foi por isso que escolhi a sua casa.

D. Adozinda teve um largo riso profissional, agradecendo, e garantiu que ela se daria ali muito bem. O que convinha agora era entrar, a fim de não esfriar o corpo à sombra das árvores.

Ajudou-a a levantar-se, foi conduzindo-a para a sala, enquanto a doente indagava:

— A menina que me trouxe a cadeira é sua filha?

— É a minha mais velha; e ainda tenho outras duas que estão a chegar do colégio...

Uma sombra empanou o rosto amarelecido da senhora:

— Eu tive seis filhos!... Só me resta hoje este mais moço, o Alfredo... Isto é que é duro: tê-los e perdê-los...

— Tem razão, mas afugente esses pensamentos tristes e venha ver o seu quarto... Como é mesmo o seu nome? Já esqueci...

— Margarida Galvão, viúva do Dr. Hermeto Galvão.

E com uma ponta de altivez a endireitar-lhe o busto magro sob a ampla capa de vidrilhos negros, passou à frente dessa

dona de hotel que a interrogava com tão excessiva familiaridade e penetrou no aposento que Celina já abrira.

Era o melhor da casa, com duas janelas para o jardim lateral, um grande toucador e até uma cadeira de balanço para os ócios da doente.

— Minha mãe ficará aqui perfeitamente! — dizia o Alfredo, sorrindo, apalpando as molas do enxergão de arame do leito aseado, dando a tudo um olhar cuidadoso de filho.
— Repare que vista!

E despediu-se com mil recomendações, beijando a mão emagrecida da velha, voltando-se ainda da porta para lembrar a dieta, os perigos do sereno, mil coisas. No corredor, porém, esbarrou com Celina, que o escutava com um leve riso de zombaria à flor dos lábios, e teve um minuto de confusão, sentiu-se infantil, deixou cair o chapéu, só sossegando a meio das escadas do jardim, que desceu um pouco trôpego, intimidado, a pensar:

— Diabo de pequena! Que modo de rir! Mas, é bonitinha, muito bonitinha!

Parou para colher um cacho de glicínias que pendia da grade, e ainda murmurou:

— Que olhos!

A mãe de Celina é que caiu menos no agrado dos dois — sobretudo no de D. Margarida, que não se podia habituar com a alegria um tanto vulgar da viúva, as suas gargalhadas

sonoras, os roupões decotados a voarem pelos corredores, essa mania de trazer sempre nus os braços grossos e roliços e de rebolar os quadris quando andava. Conservou-se desconfiada muitos dias, estudando o procedimento de D. Adozinda nessa casa de hóspedes que ela enchia com o rumor da sua familiaridade jovial. Mas, como o Coronel Juvenato só aparecia agora ao jantar, casmurro e tranquilo, mastigando numa absorção de todos os outros sentidos, com a papeira flácida a tremer; como o Silva coibia mais as suas pilhérias lusitanas de pândego narigudo, peado pela reserva de D. Margarida; como, em suma, tudo se passava regularmente e, durante o dia, a viúva era sempre encontrada a coser, como boa mãe de família, uma cesta de roupa por cerzir sobre a mesa, ao seu lado — a velha mãe do Alfredo Galvão acabou por sossegar. A mulher era mal-educada, lá isso era; não se podia, porém, acusá-la de proceder incorretamente. E, nessa distensão das suas desconfianças, D. Margarida foi aceitando as amabilidades um pouco tímidas da filha, essa esbelta Celina, de poucas falas, que lhe floria o quarto todas as manhãs com uma graça discreta de gestos e passos. Chamou-a um dia, em que mais lindo apareceu o ramo de rosas brancas, amarelas e rubras, túmidas de seiva, ainda orvalhadas de sereno, embalsamando todo o aposento; mostrou-lhe a cadeira junto da sua, fê-la sentar e perguntou-lhe, sorrindo:

— Diga-me, onde aprendeu a fazer esses ramalhetes tão bonitos, tão artísticos?

A pequena encolheu os ombros franzinos com faceirice, mostrando os dentinhos brancos no seu riso sempre ambíguo, um pouco ironia, um pouco mistério:

— Não sei! Faço-os sem pensar...

E D. Margarida envolveu-a num longo olhar penetrante, que gradativamente se adoeceu húmido, compassivo, como se ela sondasse com tristeza os segredos desse humilde destino de virgem mal guardada por uma mãe leviana e espalhafatosa.

Indagou, por fim, com uma simpatia a vibrar-lhe na voz de ordinário fria:

— Deve custar-lhe a viver assim numa pensão cheia de gente desconhecida, entre rapazes que tomam liberdade, não é?...

Celina requebrou dolorosamente os olhos.

— Ah! Muito... A senhora nem imagina!...

E, como arrastada, mas sincera, um leve rubor nas faces anémicas, prosseguiu:

— Estou cansada desta vida, mas mamãe não pode ainda deixar o hotel... Então, que fazer? No dia, porém, em que eu puder sair daqui para morar sozinha com minha família, na cidade, ah, que alegria!...

— Há também outro meio: pode casar-se...

— Casar-me, eu? Com quem? Onde o noivo?

E Celina esfuziou uma gargalhada fina e nervosa, um pouco forçada. Os olhares de ambas cruzaram-se, enigmáticos, logo desviados; e a convalescente ergueu-se com certa vivacidade, dizendo:

— Bem, a menina tem naturalmente as suas ocupações lá dentro e eu vou dar o meu giro higiênico ao sol. Até logo, sim? Não precisa acompanhar-me.

Separaram-se.

CAPÍTULO II

Todas as tardes, ao fim do jantar dos hóspedes, Alfredo Galvão chegava, magro, nem alto, nem baixo, com o seu pequeno bigode ralo numa face um pouco inexpressiva, embora simpática, mas como esbatida por hábitos de timidez, e em que só olhos brilhavam, grandes, castanhos, de uma doçura quase feminina. Tinha vinte e seis anos e já mostrava uns princípios de calvície desguarnecendo-lhe a testa abaulada e lisa.

Entrava, cumprimentando de modo cortês todos os hóspedes, ia sentar-se atrás da cadeira da mãe, que comia lentamente o seu doce de ameixas pretas ou a sua fatia de goiabada, e logo a velha indagava, voltando-se meio, com a boca cheia:

— Jantaste bem, meu filho?

— Muito bem. Admiravelmente!